



Economia brasileira segue em recuperação lenta e registra crescimento de 1,1% em 2019

As Figuras 1 e 2 trazem os resultados do crescimento do PIB brasileiro em 2019, segundo dados das Contas Nacionais Trimestrais divulgados pelo IBGE. Em cada figura, o gráfico da esquerda apresenta dados da taxa trimestral do PIB, enquanto o da direita a taxa acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

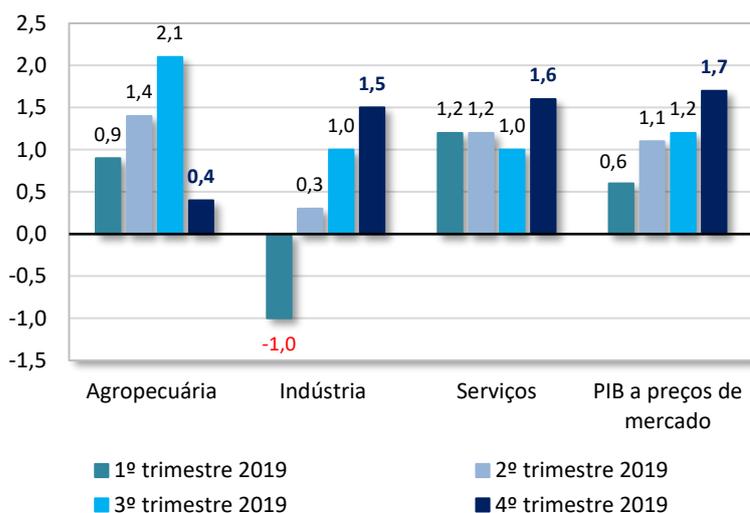
No quarto trimestre de 2019, a economia brasileira cresceu 1,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, acumulando alta ao longo dos quatro trimestres nessa base de comparação. Em 2019, o crescimento brasileiro foi de 1,1%, totalizando cerca de R\$ 7,3 trilhões em valores correntes. Esse foi o terceiro resultado positivo consecutivo, mas ficou abaixo do registrado em 2017 e 2018, quando o PIB registrou altas de 1,3%.

Pela ótica da oferta, todos os setores registraram crescimento, com destaque para a *agropecuária* e *serviços* com crescimento de 1,3%. Na *agropecuária*, os destaques vieram das lavouras de milho (23,6%), algodão (39,8%), laranja (5,6%) e feijão (2,2%). No setor de *serviços*, o crescimento foi puxado pelas atividades de informação e comunicação (4,1%), atividades imobiliárias (2,3%) e comércio (1,8%).

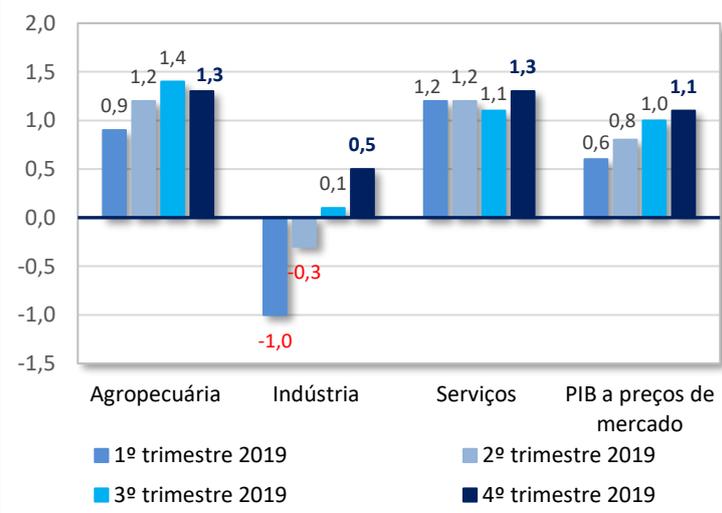
A *indústria* cresceu 0,5% em 2019, puxada pelo avanço de 1,6% na construção civil, que reverteu uma trajetória de cinco anos consecutivos de queda. A indústria de transformação assinalou leve alta de 0,1%, enquanto a indústria extrativa recuou 1,1%, sentindo os efeitos da tragédia de Brumadinho ocorrida no início do ano.

Figura 1 – PIB do Brasil: Total, agropecuária, indústria e serviços

Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)



Taxa acum. ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Prof. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

Pela ótica da demanda, o *consumo das famílias* com um crescimento de 2,1% foi o componente que puxou o crescimento no quarto trimestre na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Após três trimestres consecutivos com alta na comparação anual, os *investimentos* recuaram no quarto trimestre de 2019, com uma variação negativa de 0,4%.

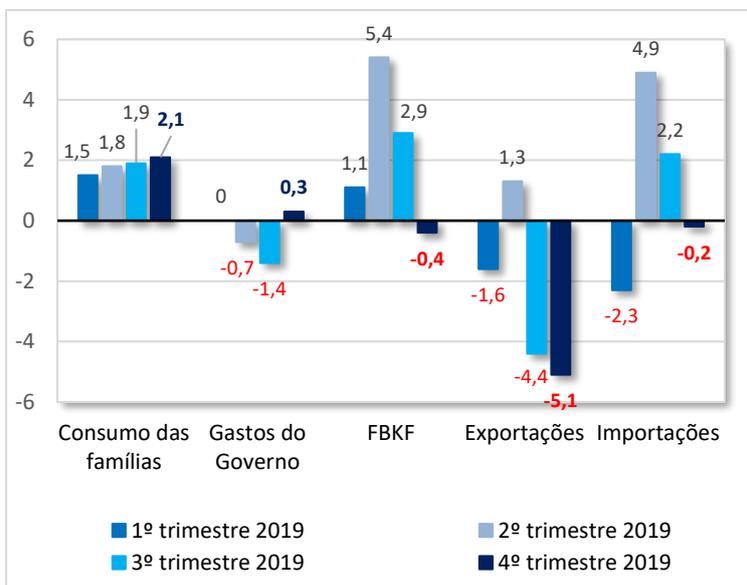
Na análise dos resultados de 2019, o consumo das famílias cresceu 1,8%, influenciado pela melhora da ocupação no mercado de trabalho, pela redução da taxa básica de juros e pela liberação de recursos extras do FGTS. Porém esse crescimento perdeu

força em relação aos anos anteriores, sendo o resultado mais fraco desde 2016 (-3,8%). Os investimentos avançaram 2,2%, mas com perda de ritmo frente ao ano anterior, quando assinalaram alta de 3,9%.

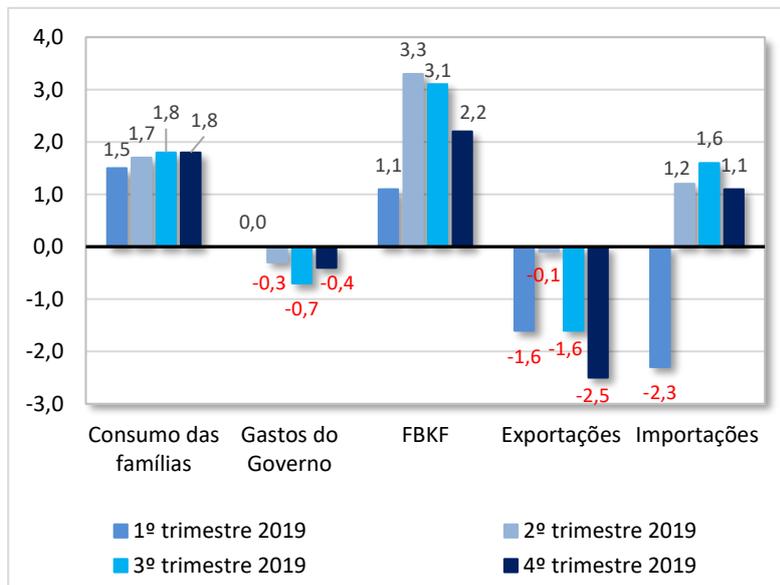
A despesa de consumo do governo caiu 0,4%. A demanda externa registrou o pior resultado em 2019. As exportações brasileiras sentiram os reflexos de um cenário externo conturbado sob a guerra comercial entre China e Estados Unidos e a recessão na Argentina e fecharam o ano recuando 2,5%. As importações, por sua vez, cresceram 1,1%.

Figura 2 – PIB: componentes da demanda

Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)



Taxa acum. ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.

Desemprego persiste elevado e informalidade atinge recorde em 2019

As Figuras 3 e 4 trazem informações do mercado de trabalho retratando dados divulgados pela Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua Mensal (PNAD Contínua). A Figura 3 mostra queda na taxa de desemprego. No trimes-

tre móvel encerrado em Jan./20, a taxa de desocupação foi de 11,2%, o que representa um total de 11,9 milhões de desempregados. Houve recuo de 0,8 p.p., na comparação com o mesmo trimestre móvel do ano anterior.

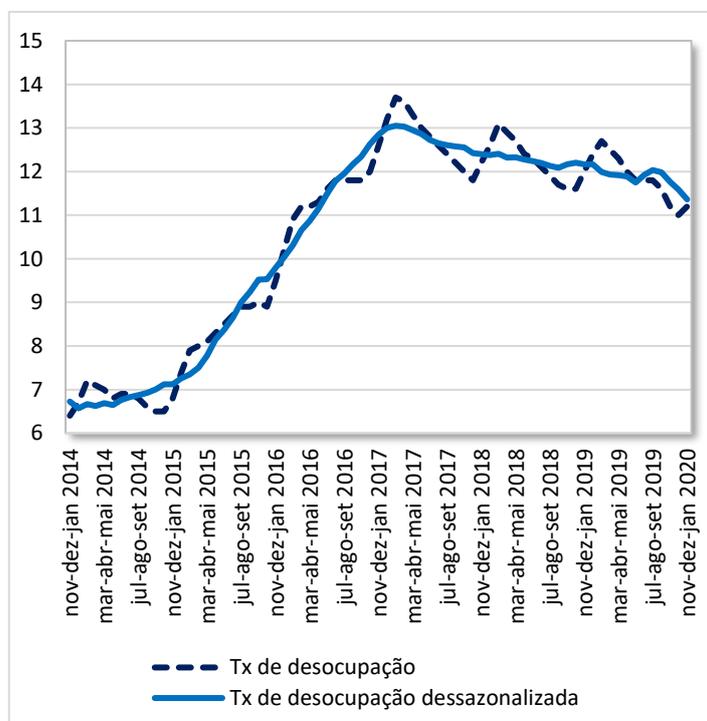
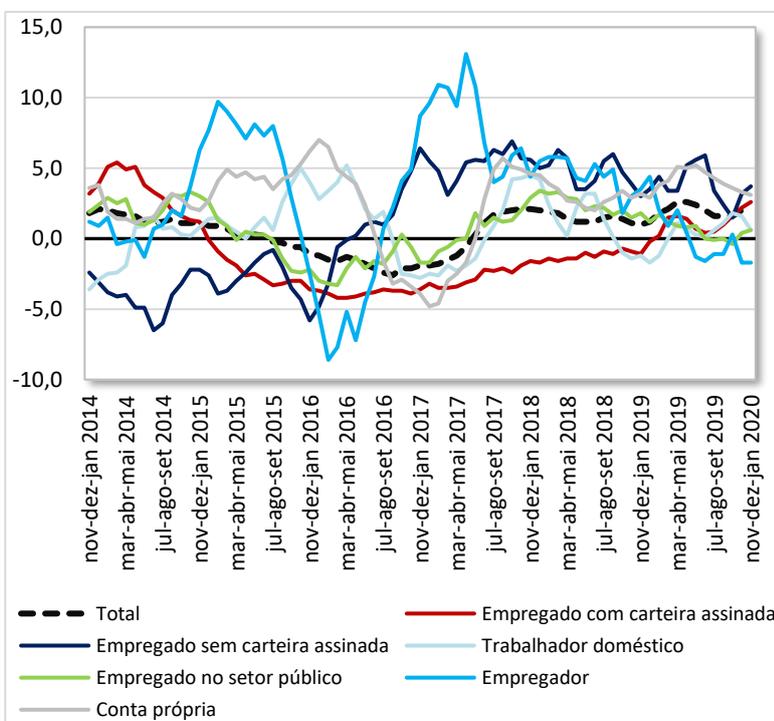


Prof. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

A população ocupada cresceu 2% na comparação com igual trimestre móvel do ano anterior (Figura 4). Empregados sem carteira assinada (3,7%) e trabalhadores por conta própria (3,1%) foram as ocupações com os maiores avanços nessa base de comparação. O número de empregados com carteira assinada também teve alta, registrando crescimento de 2,6%.

Em 2019, a informalidade atingiu valor recorde, segundo o IBGE. No trimestre móvel encerrado em janeiro de 2020, a taxa de informalidade atingiu 40,7%, o que corresponde a um total de 38,3 milhões de trabalhadores. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, houve alta de 0,3 p.p. na taxa de informalidade.

Figura 3 – Taxa de Desocupação (%)**Figura 4 Pessoas Ocupadas por Posição na Ocupação**
(Var. % em relação ao trim. móvel do ano anterior)

Fonte: IBGE/ PNAD Contínua. Período: Trim. móveis: nov-dez-jan 2014 a nov-dez-jan 2020.

Índice de Confiança da Indústria ultrapassa os 100 pontos

A Figura 5 apresenta os índices de confiança do consumidor, indústria, serviços, comércio e construção civil; enquanto a Figura 6 mostra os níveis de utilização da capacidade instalada dos setores da indústria, serviços e construção, conforme dados divulgados pela FGV.

A confiança do consumidor atingiu 87,8 pontos em Fev./20, recuando 2,6 pontos frente a Jan./20. Conforme a FGV, a perda de confiança

pelo segundo mês consecutivo é influenciada pela piora nas expectativas em virtude do quadro do mercado de trabalho, aumento de incerteza econômica e alta do câmbio.

No setor da indústria, o índice ultrapassou os 100 pontos pelo segundo mês consecutivo, alcançando 101,4 pontos, com avanço de 0,5 ponto na passagem de Jan./20 a Fev./20. Essa foi a quarta alta consecutiva, acumulando aumento de



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

6,0 pontos desde outubro de 2019. Segundo a FGV, para os próximos três meses, no entanto, há certa cautela nas previsões em relação à demanda e ao nível futuro de produção diante do cenário econômico mundial conturbado com o avanço dos casos de coronavírus. A utilização da capacidade instalada do setor foi de 76,2%, acima do registrado no mesmo mês de 2019 (74,6%).

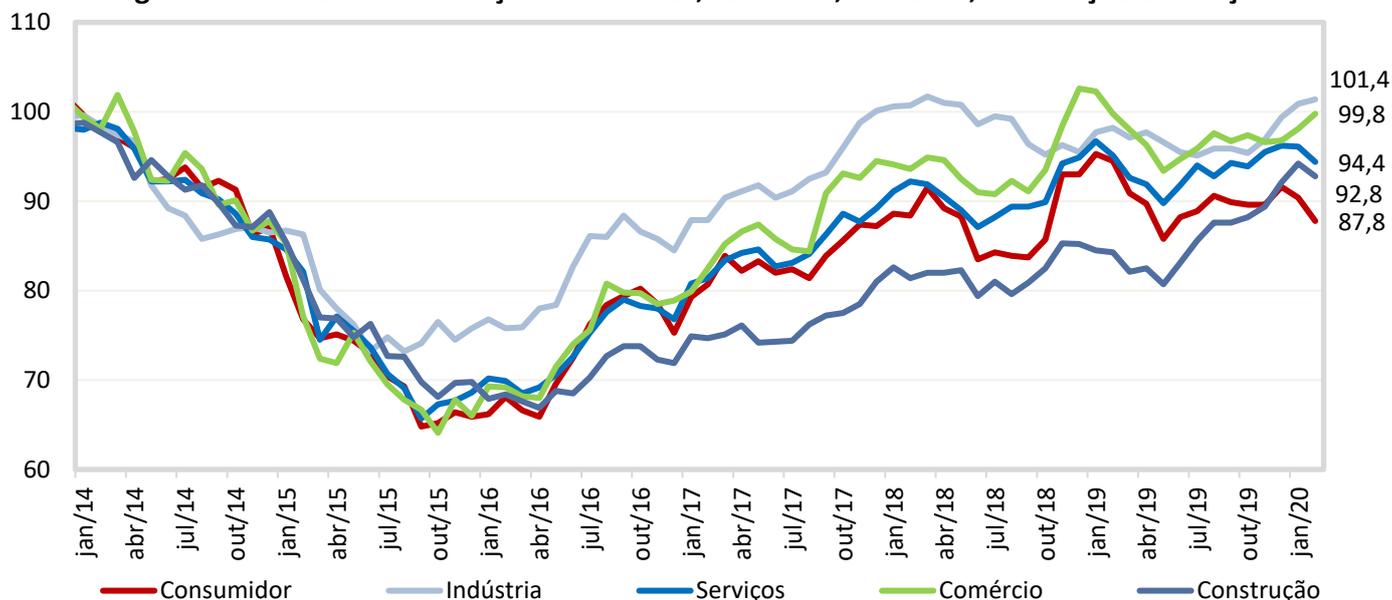
A confiança no setor de serviços recuou 1,7 ponto em Fev./20, alcançando 94,4 pontos. Segundo a FGV, a perda na confiança do setor decorre da piora da percepção sobre a situação atual, mas o destaque no mês foi a diminuição das expectativas, após três meses de alta. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) do setor ficou em 82,9% em Fev./20, com aumento pelo segundo mês consecutivo.

O índice de confiança do comércio subiu 1,7 ponto em Fev./20, para 99,8 pontos. A FGV

aponta que a alta na confiança do setor é influenciada pelos indicadores de expectativas, que ultrapassaram os 100 pontos.

No setor da construção, o índice de confiança caiu 1,4 ponto na passagem de Jan./20 a Fev./20, atingindo 92,8 pontos. Segundo informações da FGV, alguns fatores como uma frustração com o ritmo da recuperação e o aumento das incertezas em relação à continuidade do Programa Habitacional Minha Casa Minha Vida podem ter gerado maior cautela dos empresários o que impactou as expectativas. No entanto, a percepção em relação à situação corrente dos negócios continuou avançando o que, por enquanto, sustentam as projeções de crescimento no setor para o ano. O Nível de Utilização da Capacidade (NUCI) atingiu 70,6%, registrando alta de 3,6 p.p. frente a Fev./19.

Figura 5 – Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços



Fonte: IBRE/FGV. Período: Jan./14 a Fev./2020.

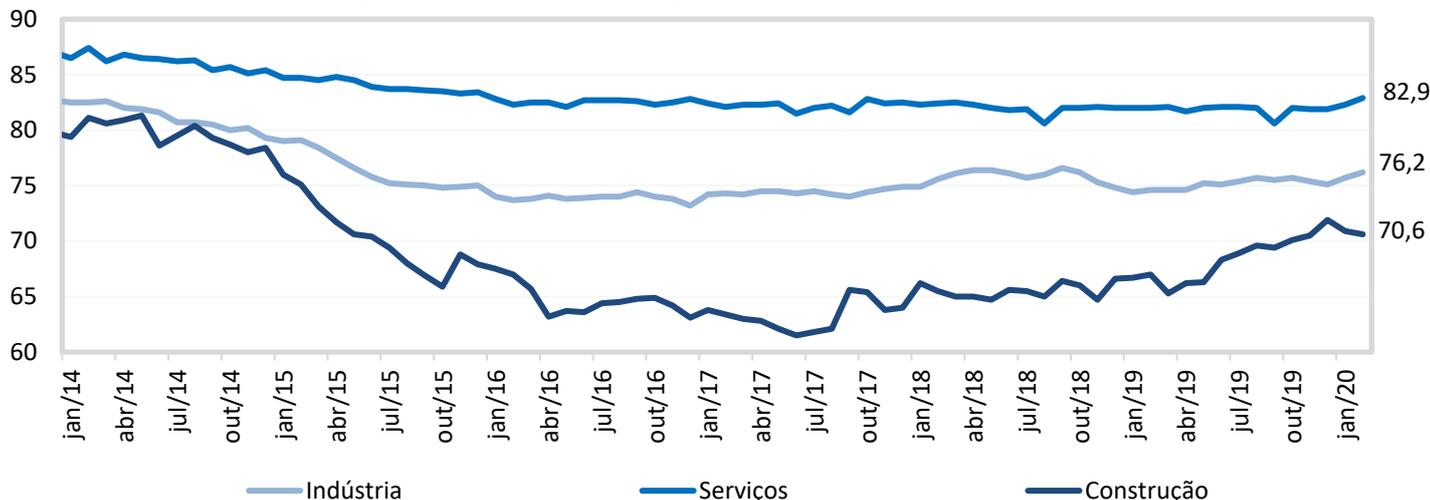


Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

Figura 6 – Nível de Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: IBRE/FGV. Período: Jan./2014 a Fev./2020.

Educação puxa alta da inflação em fevereiro

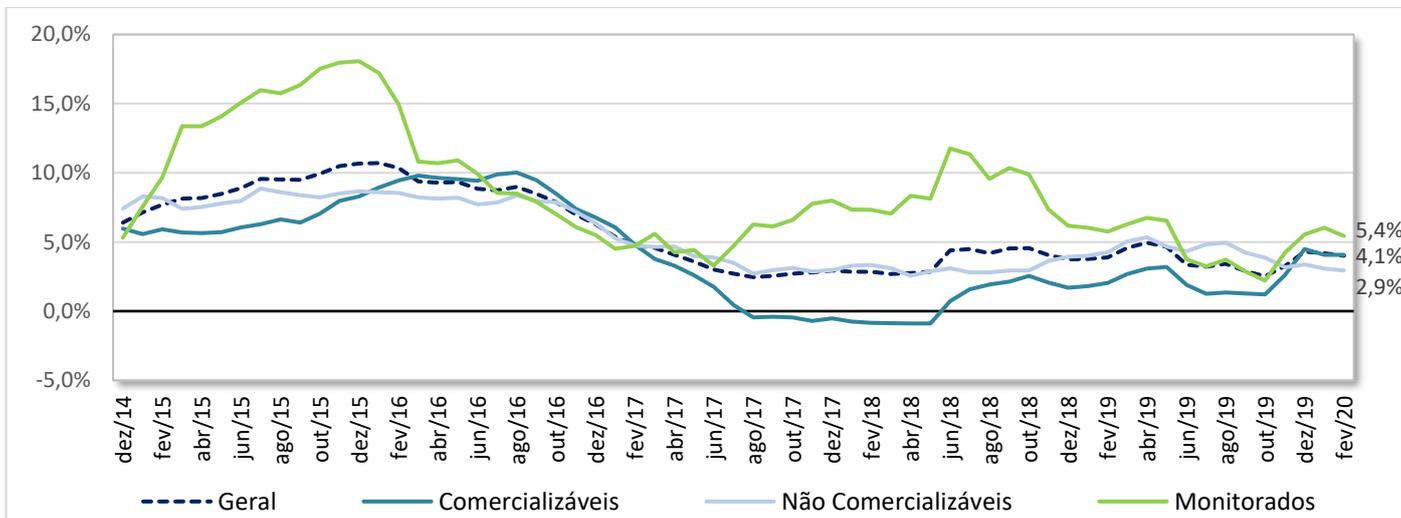
A Figura 7 mostra a trajetória da inflação acumulada em 12 meses, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Em Fev./20, o índice geral ficou em 4,0%, ligeiramente abaixo da taxa de 4,2% acumulada nos 12 meses imediatamente anteriores. Os preços dos

bens e serviços monitorados registraram a variação mais expressiva, acumulando alta de 5,4% em 12 meses.

O IPCA acumulado em 12 meses de bens e serviços comercializáveis atingiu 4,1%, enquanto a inflação de não-comercializáveis foi de 2,9%.

Figura 7 – IPCA geral, comercializáveis, não comercializáveis e monitorados

Var. % acum. em 12 meses



Fonte: BCB. Período: Dez./2014 a Fev./2020.



Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Eduardo Teixeira

Complementando a análise sobre a inflação, a Tabela 1 traz os resultados das variações mensal e acumulada no ano do IPCA referentes aos meses de janeiro e fevereiro de 2020 para os nove grupos de produtos e serviços que compõem o índice. Em Fev./20, o IPCA registrou alta de 0,25%, ligeiramente acima do registrado em Jan./20 (0,21%) e o menor resultado para o mês em 20 anos, quando o índice foi de 0,13%. Nos dois primeiros meses do ano, o IPCA teve alta de 0,46%, menor inflação da série histórica do IBGE, iniciada em 1980.

O maior impacto e a maior contribuição positiva para o índice em Fev./20 vieram do item *educação* (impacto de 0,23 p.p. e variação de 3,70%). A alta no grupo foi puxada pelos reajustes praticados no início do ano letivo, principalmente nos cursos regulares (4,42%). Houve alta também nos cursos diversos (2,67%). *Saúde e cuidados pessoais*, com uma variação de 0,73% foi o segundo grupo com maior impacto para a alta do

IPCA em Fev./20 (0,10 p.p.), com destaque para os itens de higiene pessoal (2,12%).

Destaque também para o grupo *alimentação e bebidas*, que apesar de ter contribuído positivamente para o índice geral, registrou desaceleração nos preços, saindo de uma taxa de inflação de 0,39% em Jan./20 para 0,11% em Fev./20. O resultado se sustenta, sobretudo, pela queda nos preços das carnes (-3,53%), que já haviam recuado em janeiro (-4,03%).

Em relação aos grupos com queda, a maior contribuição negativa (-0,06 p.p.) veio de item *habitação* que, após registrar alta de 0,55% em Jan./20, sofreu queda de 0,39%, refletindo recuo nos preços da energia elétrica (-1,71%), beneficiado pela bandeira tarifária verde que passou a vigorar em fevereiro. A queda mais expressiva foi registrada no grupo *vestuário* (-0,73%), decorrente sobretudo das variações negativas nos itens roupas femininas (-1,23%), roupas masculinas (-1,05%), calçados e acessórios (-0,46%).

Tabela 1 – IPCA por grupamentos

Var. %, acum. no ano e peso mensal

Grupo	Variação (%)		Variação acum. no ano		Impacto (p.p)	
	Janeiro/20	Fevereiro/20	Janeiro/20	Fevereiro/20	Janeiro/20	Fevereiro/20
Índice geral	0,21%	0,25%	0,21%	0,46%	0,21	0,25
Alimentação e bebidas	0,39%	0,11%	0,39%	0,50%	0,07	0,02
Habitação	0,55%	-0,39%	0,55%	0,15%	0,08	-0,06
Artigos de residência	-0,07%	-0,08%	-0,07%	-0,15%	0,00	0,00
Vestuário	-0,48%	-0,73%	-0,48%	-1,21%	-0,02	-0,03
Transportes	0,32%	-0,23%	0,32%	0,10%	0,06	-0,05
Saúde e cuidados pessoais	-0,32%	0,73%	-0,32%	0,41%	-0,04	0,10
Despesas pessoais	0,35%	0,31%	0,35%	0,66%	0,04	0,03
Educação	0,16%	3,70%	0,16%	3,86%	0,01	0,23
Comunicação	0,12%	0,21%	0,12%	0,33%	0,01	0,01

Fonte: SIDRA/IBGE.

Conclusões

Os dados do PIB de 2019 mostram que a economia brasileira “engatinha” no processo de recuperação. Apesar de acumular a terceira alta

anual consecutiva, a economia não recuperou a retração de 2015 e 2016. O consumo das famílias foi um dos motores do crescimento. No entanto,



*Prof. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Eduardo Teixeira*

perdendo força no quarto trimestre. Os investimentos também contribuíram positivamente para o crescimento, mas foram menores frente ao resultado de 2018, além de apresentar retração no último trimestre de 2019. Do ponto de vista da demanda externa, as exportações brasileiras sentiram os efeitos de um cenário externo instável e conturbado.

Entre os setores, a indústria apresenta dificuldades em manter um crescimento satisfatório. Em 2019, a indústria de transformação ficou estagnada, enquanto a construção civil apresentou crescimento positivo.

O mercado de trabalho mostra recuperação lenta, com elevado desemprego. Em 2019, a ocupação se deu, em grande medida, com o crescimento da informalidade.

Em 2020, o dinamismo da atividade econômica esbarra num quadro não muito favorável. O resultado do PIB em 2019 e os efeitos do avanço mundial dos casos do coronavírus impactaram nas estimativas para o crescimento da economia brasileira. Pela primeira vez, as perspectivas de crescimento em 2020 foram revisadas para um patamar abaixo de 2%, conforme divulgação do boletim Focus. Devido ao elevado grau de incerteza, alguns analistas econômicos já apontam para crescimento do PIB abaixo de 1,5%.

Sob esse contexto, a intensidade dos efeitos sentidos pela economia brasileira dependerá, pelo menos em parte, de como o governo reagirá à instabilidade mundial e desaceleração do crescimento global, além das medidas para lidar com o coronavírus no próprio país.